

O GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO, AS ESCRITAS DE SI E OS DIÁRIOS: O HOMEM EM BUSCA DE SI MESMO

Penélope Cavalcante Monteiro (UNIGRANRIO)

pelmonteiroreserva@gmail.com

Daniele Ribeiro Fortuna (UNIGRANRIO)

drfortuna@hotmail.com

Jurema Rosa Lopes (UNIGRANRIO)

jlopes@unigranrio.edu.br

RESUMO

Neste artigo, nosso objetivo é discutir o gênero autobiográfico, principalmente o diário. Para tanto, pretendemos salientar diferentes enfoques sobre o assunto, buscando, não a validação de uma verdade única, mas valorizando os pontos nos quais os olhares e as interpretações dos estudiosos se entrecruzam. Nesse sentido, procuramos analisar, mesmo que de forma breve, as ideias relativas ao tema expressas pelos principais pesquisadores do assunto – com foco em Foucault (1992), Arfuch (2010) e Lejeune (2014), construindo um caminho necessário a uma discussão cada vez mais presente nos estudos literários. Inicialmente, abordamos as escritas de si, para, posteriormente, nos debruçarmos sobre o espaço autobiográfico. Por fim, analisamos a escrita diarística.

Palavras-chave:

Diário. Espaço autobiográfico. Escritas de si.

ABSTRACT

In this article, we aim to discuss the autobiographical genre, especially diary. To do so, we intend to highlight different approaches on the subject, seeking, not to validate a single truth, but valuing the points at which views and interpretations of scholars interwine. Therefore, we try to analyze, even briefly, the ideas related to the theme expressed by the main researches on the subject – with a focus on Foucault (1992), Arfuch (2010) and Lejeune (2014), building a necessary for a very important discussion in the literary studies. Initially, we approached self writing, so that, later we can look at the autobiographical space. Finally, we analyze diary writing.

Keywords:

Diary. Autobiographical space. Self writing.

1. Introdução

A literatura contemporânea é composta por um sem-número de novas tendências e gêneros. Nesse contexto, observa-se uma grande diversidade de narrativas em primeira pessoa com traços biográficos. A es-

se conjunto de obras semelhantes dá-se o nome de escritas de si. As escritas de si são um tipo de conceito guarda-chuva (VELASCO, 2015), abrangendo em seu bojo diversos gêneros que vão desde a autobiografia até os diários. Justamente por representar essa multiplicidade de gêneros que guardam semelhanças entre si, sobre os quais incide a dificuldade, por muitas vezes, de lhes atribuir contornos e limites, é que esse conceito tem se constituído tema de discussão para diversos teóricos.

Sob o olhar atento de diversos estudiosos, as escritas de si constituem-se, atualmente, num vasto campo de investigação e pesquisa, não somente pela dificuldade em demarcar seus limites, mas pela multiplicidade de gêneros a elas vinculados. Para efeitos do artigo que aqui se apresenta, o termo *escrita de si* caracteriza o registro em primeira pessoa, na qual o narrador se identifica como o autor biográfico, mesmo que descreva situações ficcionais.

Neste artigo, procuramos salientar diferentes enfoques sobre o assunto – com foco em Foucault (1992), Arfuch (2010) e Lejeune (2014) –, buscando, não a validação de uma verdade única, mas valorizando os pontos nos quais os olhares e as interpretações dos estudiosos se entrecruzam. Inicialmente, o texto aborda as escritas de si, para, posteriormente, se debruçar sobre o espaço autobiográfico. Por fim, analisa a escrita diarística. A seguir, procuramos analisar, mesmo que de forma breve, as ideias relativas ao tema expressas pelos principais pesquisadores do assunto, construindo um caminho necessário a uma discussão cada vez mais premente nos estudos literários.

2. Foucault e as origens das escritas de si

Um dos filósofos mais influentes da contemporaneidade, Michel Foucault (1992) dedicou parte de seus estudos às escritas de si. Em sua obra *O que é um autor?*, Foucault reserva um capítulo, “A Escrita de si”, para refletir sobre duas narrativas especificamente: o caderno de notas – *hypomnemata* – e a correspondência. Esse capítulo, em especial, faz parte de uma série de estudos acerca das *artes de si mesmo* na cultura greco-romana, entre os séculos V a.C. até os dois primeiros séculos da nossa era.

Analisando obras desse período, Foucault (1992, p. 130) ressalta algumas características sobre a escrita de si, como a sua capacidade de atenuar a solidão: “o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de

um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha”. Vemos, nesse entendimento do filósofo, similaridade ao pensamento de Lejeune (2014, p. 303): “o papel é um amigo”. Nesse sentido, a “escrita de si” mesmo assume, também, uma função de desabafo: ao deitar suas reflexões sobre o papel, o autor estabelece diálogo como um interlocutor que, exercendo a função de confidente, auxilia em seu processo de expurgo de sentimentos e pensamentos. O que Foucault (1992, p. 133) denomina como “meditação”, Lejeune (2014, p. 319) chama de “desabafo”.

O filósofo dedica-se, em especial, a dois tipos de narrativas. O primeiro deles é o caderno de notas ou *hypomnemata*. Como afirma Foucault (1992), os *hypomnemata* consistiam em livros que, à semelhança da agenda, eram comumente usados para registros do cotidiano. Com o decorrer do tempo, sua utilização assemelhou-se ao que conhecemos, modernamente, como caderno de notas, já que, diferentemente do diário íntimo, o *hypomnemata* poderia estar sempre à mão do escrevente ou ser emprestado a terceiros para fins de consulta, servindo, até mesmo, como um manual de conduta. Naquele espaço, registravam-se fragmentos de obras admiradas, testemunhos, reflexões, ou seja, “constituíam uma memória material das coisas lidas” (FOUCAULT, 1992, p. 135).

De tão grande valia para os gregos, os *hypomnemata* passaram a acumular, de forma sistemática, ponderações sobre determinados temas. Alguns, de maior potencial, inclusive, firmaram-se como verdadeiros tratados a respeito de certos assuntos. O autor identifica, nesses cadernos de notas, algo que transcende à mera descrição do cotidiano de forma escrita, mas um exercício que, do verbo à ação, transfigura-se num manual de conduta e saber.

Reconhecendo que essa escrita está para além do registro textual, o Foucault (1992, p. 138) salienta a função do “cuidado de si” contida na elaboração e manutenção dos *hypomnemata*, ao passo que havia a necessidade de “retirar-se para o interior de si próprio, viver consigo próprio, alcançar-se a si próprio, bastar-se a si próprio, tirar proveito e desfrutar de si próprio” para compor suas páginas. Dessa maneira, o caderno de notas grego constituía-se, terapêuticamente, num espaço de autoconhecimento e reflexão sobre o mundo e as pessoas, avizinhandose das funções atribuídas ao diário por Philippe Lejeune (2014), que consistem na *expressão, reflexão, memória e prazer de escrever*.

Contudo, é o próprio Foucault (1992) que ressalta a impossibilidade do *hypomnemata* ser considerado uma vertente de escritas de si, pe-

lo fato de não terem o objetivo de trazer à tona aquilo que se encontrava oculto no escrevente, não sendo, portanto, a expressão da natureza do escritor que emerge e transborda. Ao contrário, para o filósofo, o caderno de notas faz o movimento inverso: é “de fora para dentro”, do externo para o interno, é recolhendo o material que lhe vem ao encontro, seja ouvido ou lido, que o autor do *hypomnemata* elabora a sua escrita. (FOUCAULT, 1992, p. 137)

Cria-se, a esta altura, um ponto de conflito entre o senso comum e a perspectiva de Foucault. Se somos seres que se constituem a partir das experiências que vivemos, do que lemos, do que ouvimos, como defendido em ampla aceção, como não considerar a *hypomnemata* um tipo de escrita de si, já que esta se constitui num material fruto das indagações que se instauram no indivíduo a partir do que ele ouve, escuta e lê e que, além disso, possui funções muito semelhantes às de um diário, gênero reconhecidamente pertencente a estas escritas?

Segundo Foucault (1992), o caminho correto ao investigar os primórdios das narrativas de si deve se iniciar pelas correspondências e não pelos cadernos de notas, já que estes não tratam, exclusivamente, de quem os escreve. Ao contrário, constituem-se de reflexões acerca de material fornecido por outrem, ou seja, não correspondem a uma narrativa relacionada a si próprio, mas ao conjunto daquilo que se apreendeu do outro.

Por isso, nesse mesmo capítulo, Foucault (1992) analisa a correspondência, ressaltando, inicialmente, sua intersecção com o caderno de notas: tanto a correspondência quanto a *hypomnemata* se assemelham no ponto em que produzem, entre leitura e escrita, um exercício de entendimento e aprimoramento de si próprio no ato de auxiliar o outro.

A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar: tal como os soldados se exercitam em tempos de paz, também os conselhos que são dados aos outros na medida da urgência da sua situação constituem uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante. (FOUCAULT, 1992, p. 147)

Dessa forma, remetente e destinatário encontram-se em processo de aprendizado. Se para o destinatário é possível, a partir de uma correspondência, receber qualquer tipo de consolo, conselho ou, até mesmo, pito, para o remetente, também é possível, a partir do aconselhamento por qualquer um destes motivos, “armar-se”, valendo-se de seus próprios conselhos. Igualmente, absorvendo os conselhos do remetente, o destina-

tário fortalece-se e passa, com o tempo, a assumir a postura de aconselhador, tornando a troca de cartas à altura do debate e do escambo de ideias, que não se limita aos dois correspondentes, podendo, inclusive, alcançar terceiros que lhe vejam proveito na leitura.

Ao contrário, entretanto, dessa semelhança entre a correspondência a *hypomnemata*, a primeira não pode ser encarada como um prolongamento da segunda, já que na correspondência, os interlocutores se beneficiam por meio da troca de conhecimentos e lições de vida, ao passo que na *hypomnemata* evidencia-se, a priori, o “adestramento de si por si mesmo” (FOUCAULT, 1992, p. 132) a partir da escrita.

Sobre as correspondências, Foucault destaca pontos estratégicos, característicos do que podemos chamar de escrita com a relação a si mesmo, sendo: as notícias de saúde presentes nas missivas e o relato do cotidiano. Para o remetente tinha igual valia relatar os dias vulgares, a banalidade do cotidiano, dar conta das horas e suas atribuições ao destinatário quanto informar ao destinatário suas condições de saúde, tão detalhadamente quanto fosse possível.

Segundo Foucault (1992)

No caso da narrativa epistolar de si próprio, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volta para si próprio quando se aferem as ações quotidianas às regras de uma técnica de vida. (FOUCAULT, 1992, p. 160)

Retomamos, neste ponto, a contribuição de Foucault (1992) sobre o *cuidado de si*: “ocupar-se de si mesmo”. (FOUCAULT, 1992, p. 156) Ao reavaliar, passar em revista o seu dia, o remetente nada mais faz do que ocupar-se de si mesmo, examinar pensamentos, sensações, elucubrações e, no intuito de relatar ao outro seu dia-a-dia, o remetente institui-se como o “inspetor de si mesmo”. (FOUCAULT, 1992, p. 157)

Consideramos que a obra de Foucault (1992) seja, ainda na atualidade, imprescindível para compreender *as* escritas de si, servindo de referência, inclusive, para discussões levantadas pelos outros autores aqui abordados. A seguir, propomos uma reflexão acerca de pontos fundamentais da obra de Leonor Arfuch (2010), em especial, sobre os diários.

3. O espaço biográfico de Leonor Arfuch

Diários, confissões, autobiografias, correspondências... um número relativamente extenso de gêneros, canônicos ou não, compõe um espa-

ço considerável dentro da literatura para tentar dar conta de um desejo antigo da humanidade. Há muito o ser humano persegue a evanescência da vida, procurando eternizar seus dias, experiências, gostos, sentimentos, percepções. No ato de escrever sobre si mesmo, sua jornada, o ser humano busca a transcendência.

É lançando esse olhar sobre a multiplicidade de gêneros criados pelo homem para dar conta dessa necessidade de deixar marcas e vestígios que perdurem no tempo que Leonor Arfuch (2010) apresenta sua obra *O Espaço Biográfico – Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Outros gêneros que têm sua gênese na cultura contemporânea, como entrevistas, *reality shows*, perfis etc., também demandam seu lugar nesse espaço, alargado, para dar conta da vida íntima e da experiência que se torna um núcleo de tematização. Da entrevista ao *reality show*, do diário ao testemunho, a vontade de eternizar-se, bem como o interesse por esse material, compõem uma rede interessante a ser pesquisada. Para Arfuch (2010), a coexistência de gêneros e formas tão diferentes de trazer o íntimo a público é a raiz do estudo por ela engendrado.

É essa tonalidade que eu quis indagar no espaço deste livro. Esse algo a mais que está em jogo não tanto na diferença entre os gêneros discursivos envolvidos, mas em sua coexistência. Aquilo comum que une as formas canonizadas e hierarquizadas a produtos estereotípicos da cultura de massas. O que transcende o “gosto” definido por parâmetros sociológicos ou estéticos e produz uma resposta compartilhada. O que leva repetidamente a recomençar o relato de uma vida (minucioso, fragmentário, caótico, pouco importa seu modo) diante do próprio desdobramento especular: o relato de todos. O que constitui a ordem do relato – da vida – e sua criação narrativa, esse “passar a limpo” a própria história, que nunca se termina de contar. (ARFUCH, 2010, p. 16)

O cerne da questão sobre a constituição do espaço biográfico não se limita à categorização ou à descrição dos gêneros que o compõem. Está além disso. Arfuch (2010) busca, antes, compreender as similaridades entre as diversas formas criadas e usadas para externar esse olhar que se volve para si mesmo. Em razão disto, toma como alvo o “horizonte de inteligibilidade” (ARFUCH, 2010, p. 16), que se constitui pelas semelhanças entre as formas já “conformadas” de narrativas do *eu* e aquelas cunhadas na contemporaneidade.

Embora o conceito de espaço biográfico já tenha sido elucidado, logo inicialmente, pela autora em sua obra, Arfuch (2010, p. 16) assegura que a composição do espaço biográfico “se constituirá ao longo do caminho” e, iniciando esse trajeto, toma como ponto de partida uma forma clássica: a autobiografia. Contestando, inicialmente, a denominação de

“espaço biográfico” composta por Lejeune (2014), assevera que, de forma “infrutífera” (ARFUCH, 2010, p. 22), o estudioso que a precede pretende reduzir o conceito de autobiografia a uma ideia nuclear da qual se ramificariam gêneros literários afins.

Para Arfuch (2010), mesmo que Lejeune (2014) tente dar conta das diversas formas canônicas do narrar a si mesmo e, inclusive, de um excedente literário que não é abarcado por elas, mas que têm, por fim, a mesma incumbência, acaba por instituir um conceito de espaço biográfico que consiste numa categorização de gêneros no qual “a autobiografia moderna é apenas um caso” (ARFUCH, 2010, p. 22).

A autora preocupa-se em recuar no tempo para delinear, com maior clareza, “o ‘eu’ como garantia de uma biografia”. (ARFUCH, 2010, p. 35). Remontando à consolidação do capitalismo e ascensão da burguesia, no século XVIII, vemos nascer um sentimento de individualismo típico do Ocidente, que se insere na dicotomia: corpo/espírito, homem/mulher, razão/sentimento, público/privado, modos de operar e pensar de uma sociedade que ali se organizava e estabelecia. O público se ocupava da dimensão social e política, enquanto o privado relacionava-se à esfera da intimidade, do doméstico, do secreto e, às vezes, do proibido.

Ao analisar esse momento histórico, caracterizado pelo controle mais severo das pulsões, emoções e dos pudores (ELIAS, 1993, p. 258), a autora ressalta a importância da prática das escritas autógrafas (ARFUCH, 2010, p. 40), fruto da nova relação dos homens com a leitura, a escrita e conhecimento acerca de si mesmo. Ancestrais das narrativas de si contemporâneas, nascidas com um novo estado possível – a solidão – os livros de razão, os cadernos de contas, os diários, as confissões e, também, as cartas, constituíram-se em novas formas de escrita nas quais os protagonistas não correspondiam a seres distantes, míticos, inalcançáveis, mas se encontravam próximos à realidade do leitor ou se tratavam dele próprio.

Fosse para dar conta da vida ideal, protagonizada por personalidades influentes da época, como políticos e intelectuais, ou fosse pela necessidade de um espaço para a autorreflexão, o fato é que as autobiografias, confissões, correspondências, diários íntimos, memórias, dentre tantas outras formas de narrativas de si, popularizaram-se a partir desse período e, atualmente, ocupam, dentre as mais variadas formas de expressão e vertentes artísticas, local de destaque.

Após revisitar as narrativas vivenciais próprias desse período, Arfuch (2010) retorna ao seu intuito de conceituar o espaço biográfico, ressaltando, novamente, que sua intenção está para além da categorização e exemplificação dos gêneros que o compõem, mas sim na busca de um “horizonte interpretativo capaz de dar conta da ênfase biográfica atual” (ARFUCH, 2010, p. 58).

Sendo assim, o conceito de espaço biográfico não se resume a um bloco fechado de gêneros e formas de autorrepresentação, mas se assemelha, como a própria autora afirma, a um horizonte interpretativo, algo que seja possível avistar e compreender, mas que segue aberto à possibilidade do novo. Arfuch (2010) aponta que:

A simples menção do “biográfico” remete, em primeira instância, a um universo de gêneros discursivos consagrados que tentam apreender a qualidade evanescente da vida opondo, à repetição cansativa dos dias, aos desfalecimentos da memória, o registro minucioso do acontecer, o relato das vicissitudes ou a nota fulgurante da vivência, capaz de iluminar o instante a totalidade. Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência. (ARFUCH, 2010, p. 59)

Mas o espaço biográfico está para além das formas consagradas de narrativas de si. Do diário ao *reality show*, a atenção da autora volta-se, portanto, para a tematização dos elementos que compõem a vida e as experiências no cenário da cultura contemporânea, aliando às formas mais antigas de narrativas de si os fenômenos midiáticos da atualidade. Agregando essa multiplicidade de narrativas vivenciais, o conceito de Arfuch abriga, também, as entrevistas, testemunhos, *talk shows*, entre outras novas formas narrativas desenvolvidas na contemporaneidade, fruto do modo de viver e pensar o mundo na atualidade.

No que diz respeito ao diário, Arfuch (2010) aprofunda a temática na seção “Diários íntimos, correspondências”, de sua obra *O Espaço Biográfico* que Arfuch (2010). A autora inicia sua abordagem ao tema, delimitando algumas características do diário íntimo: “uma escrita desprovida de amarras genéricas, aberta à improvisação, a inúmeros registros da linguagem e do colecionismo (...) sujeita apenas ao ritmo da cronologia, sem limite de tempo nem lugar” (ARFUCH, 2010, p. 143). Ainda, relacionando-o à autobiografia, ressalta que o diário faz um movimento contrário: enquanto a primeira se estende do íntimo ao público, o diário representa “a maior proximidade do eu” (ARFUCH, 2010, p. 143). Ao diá-

rio basta a liberdade: espaço aberto à imaginação do escrevente, nele vale colecionar bilhetes, fotografias, vestígios que façam alusão à memória do vivido, escreve-se o que se quer, num tempo e local determinados, unicamente, pela vontade de quem escreve.

Há, contudo, aqueles diários que não estão reservados ao espaço íntimo da confissão, do secreto; ao contrário, com a intenção de publicá-los, o escrevente submete-o ao crivo da crítica interna, da reescrita, do ajuste, da elaboração que faça jus ao íntimo que se torna público. Dentre os gêneros biográficos cunhados na modernidade, o diário é, provavelmente, o ancestral mais próximo da intimidade midiática, destravando a fechadura, possibilitando que o secreto viesse a público. Nesse sentido, para Arfuch (2010),

Como um lugar da memória, o diário se aproxima do álbum de fotografias – a outra arte biográfica por excelência –, cuja restituição da lembrança, talvez mais imediata e fulgurante, solicita também um trabalho à narração. Mas há ainda diários que são como tábuas de salvação [...]. (ARFUCH, 2010, p. 145)

Por ser um produto livre das amarras literárias e estéticas, originária da imaginação e necessidade do escrevente, delimitar as características do diário e suas funções torna-se tarefa incerta, pois, se para alguns, o diário representa o narrar de uma situação de resistência, para outros pode ser um relato menos comprometido, nos quais figuram experiências mais leves da vida cotidiana. Citando outra análise acerca de diários íntimos, a autora assegura que, em determinados casos, o diário é a tentativa de resgate de um *eu* que se perde no cotidiano; é através do registro diarístico que o escrevente refaz os caminhos do dia a dia, reencontrando-se e reconstruindo-se (ARFUCH, 2010, p. 144).

O desnudamento do *eu*, “a proximidade, a profundidade, o som da voz, o vislumbre do íntimo, a marca do autêntico, a pista do cotidiano” (ARFUCH, 2010, p. 145) seduzem tanto o leitor crítico quanto o leitor comum de diários. Ali, imerso em uma narrativa que não é a sua, mas que guarda relações de proximidade e relação com a sua própria intimidade, o leitor do diário íntimo busca, numa atitude detetivesca, decifrar o escrevente e lhe desvendar a intimidade.

Segundo Arfuch (2010), o diário se ocupa do excedente, daquilo que não poderia ser expresso em outros lugares, mas que pela necessidade de transbordar no papel a sobrecarga do cotidiano, encontra refúgio nesse gênero. A autora encerra a abordagem sobre diários indagando sobre as intenções do escritor corrente de um diário íntimo: “É a possibili-

dade de estar sozinho com a fantasia, de levar vidas substitutas, de apagar tanto o excesso como a perda, de não deixar o tempo simplesmente passar?” (ARFUCH, 2010, p. 146).

É fato que não há respostas únicas tampouco certezas para estas questões. Pelo fato do diário ser fruto da individualidade, do íntimo, escrita nascida da subjetividade, é muito provável que cada um tenha seus próprios motivos para iniciar, manter, romper ou encerrar um diário, já que ele é proveniente de um desejo particular. Seja pela real necessidade de se recompor através da escrita, seja buscando transcender, imortalizar-se, deixar rastros, as variáveis são prováveis, mas, assim como o próprio gênero, individuais.

A discussão de Arfuch (2010) engloba aspectos essenciais e fundamentais das escritas de si. O conceito de espaço biográfico, elaborado por ela, dá conta de um excedente contemporâneo, constituído pela multiplicidade de gêneros que correspondem a uma necessidade antiga do homem: falar e pensar sobre si mesmo, lutando contra a efemeridade da vida.

Embora o estudo engendrado por ela seja posterior ao de Lejeune (2014), não empregamos, neste artigo, o critério cronológico. Julgo os conceitos de Foucault (1992) e Arfuch (2010) imprescindíveis à pesquisa, mas é Lejeune que apresenta uma discussão mais aprofundada sobre diários. Por isso, a seguir, ocupamo-nos de Philippe Lejeune (2014), guiando-nos pela obra *O Pacto Autobiográfico: de Rosseau à Internet*.

4. O diário sob a ótica de Philippe Lejeune

Philippe Lejeune (2014) reuniu, ao longo de mais de trinta anos de pesquisa sobre autobiografia e gêneros afins, diversas publicações que, hoje, servem como norte para aqueles que se interessam pelo assunto. Criador do conceito de pacto autobiográfico, Lejeune (2014) é, também, fundador da APA – *Association pour l'autobiographie et pour le patrimoine autobiographique*¹⁵¹. Se os estudos de Lejeune (2014) se iniciaram pela análise de obras autobiográficas de autores renomados, com o passar do tempo, deslocaram-se para as formas mais simples de discurso, abarcando, também, as escritas dos homens comuns: “Democratizeime: passei a me interessar pela vida de qualquer um e pelas formas mais

¹⁵¹ Associação para Autobiografia e para o Patrimônio Autobiográfico.

elementares e também mais comuns do discurso e da escrita autobiográfica.” (LEJEUNE, 2014, p. 9).

Observando que as formas de autoexpressão são diversas e variadas, Lejeune (2014) amplia seu foco de estudo, passando a se interessar por diferentes áreas da autorrepresentação. Seu interesse pelo diário, que, inclusive, é o ponto de maior interesse para o embasamento teórico de minha pesquisa, transcorre em grande parte da obra analisada, sendo tratada de forma minuciosa e, em boa parte, refletida na maneira como Lejeune (2014) descreve a sua experiência como autor e diarista.

Antes, contudo, seria impossível abordar somente o cerne da questão diarística, omitindo um dos pontos principais da obra de Lejeune: o pacto autobiográfico. Ressaltamos, antes, que o conceito de pacto autobiográfico é revisitado, ao correr dos anos, pelo próprio autor em suas diversas publicações, assim como os conceitos de autobiografia ensaiados por ele. Em linhas mínimas, o que interessa ressaltar é que o pacto autobiográfico se cunha na autenticidade: autor, narrador e personagem principal possuem a mesma identidade. Como o próprio estudioso afirma, “o pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro” (LEJEUNE, 2014, p. 30).

Por isso, autor e leitor firmam um pacto, que gira em torno da veracidade da assinatura do texto. Cabe ao leitor, em atitude quase detetivesca, procurar semelhanças e diferenças entre o fato narrado e a vida do autor, mas, de forma alguma, cabe a ele duvidar de sua assinatura, assim como, cabe ao autor, seja na escolha do título ou nas seções iniciais do texto, deixar claro de que se trata de uma escrita autobiográfica.

Embora consideremos temas como o pacto autobiográfico, bem como as demais ideias exploradas por Lejeune (2014) acerca da autobiografia, de suma importância para qualquer estudioso que queira se debruçar sobre as escritas de si em suas diversas manifestações, neste momento, acreditamos que seja um campo muito extenso e difícil de abraçar em um espaço tão reduzido. Se a obra de Lejeune (2014) reúne reflexões de mais de trinta anos de pesquisa e vivências, aqui poderíamos nos estender, somente, por algumas páginas e cremos que a tentativa de reduzir as deduções e conclusões do autor seriam frustradas. Por isso, dedicamo-nos à questão do diário, extensamente abordada por ele e que é o foco principal deste texto.

Por que escrever um diário? Por que manter um diário e para que ele serve? Na tentativa de esclarecer questões como essas, Philippe Lejeune (2014) figura como um dos principais pesquisadores sobre o tema. Essa escrita, considerada fragmentária e sigilosa, ocupa lugar de destaque na atualidade, sobretudo ao assumir novos suportes: do caderno ao computador, o diário transita entre a prática secreta e a autoexposição na internet.

A quarta parte da obra *O Pacto Autobiográfico, de Rousseau à Internet*, assinado por Lejeune (2014) trata, com exclusividade, do tema em questão. No capítulo intitulado “Um diário todo seu”, o autor traz, logo de início, uma definição de diário. Embora compreenda que a tarefa de definir qualquer coisa, sobretudo em literatura, demonstra-se sempre complexa e, possivelmente, perigosa, considero importante delinear alguns limites de forma a tornar o estudo viável. Para Lejeune (2014, p. 299), o diário “é uma escrita cotidiana: uma série de vestígios datados.” O autor define a questão de forma simples e direta, quase didática, ao contrário de muitos outros autores que complexificam as discussões em torno da forma, do grau de subjetividade e, até mesmo, da periodicidade. Lejeune (2014), ao contrário, deixa explícito ao longo de seu texto que não há receitas complicadas para quem deseja escrever um diário: necessita-se de uma folha de papel (ou tela de computador), coloca-se a data e ali se escreve o que foi feito do dia ou suas impressões sobre determinado assunto. Mais à frente, como de forma a complementar o conceito, o autor assevera:

É muito simples, no papel, no computador, escrevemos a data, o que estamos fazendo, sentindo, pensando. Nenhuma forma é imposta nenhum conteúdo é obrigatório. É livre. A própria palavra “diário” é simples. Na pior das hipóteses, implicamos com o adjetivo “íntimo” que, em geral, lhe é justaposto – mas é apenas para evitar a confusão com a imprensa quotidiana. (LEJEUNE, 2014, p. 327)

Como é possível perceber Lejeune (2014) chega a relacionar a simplicidade da palavra *diário* à economia de regras do gênero, como se dissesse que o diário é simples desde a sua aceção até sua forma. Entretanto, mesmo reconhecendo que o diário não possui regras rígidas com relação à forma e ao conteúdo, é possível identificar nesse tipo de escrita, alguns traços recorrentes, como a necessidade de datação.

Aliás, essa é a única regra explicitada por Lejeune (2014, p. 300), já que, segundo afirma, “a base do diário é a data.” Ao iniciar sua escrita, a primeira ação do diarista é registrar a data, pois é esta que demarca aquele instante em que se escreve, que garante a autenticidade do momen-

to. Sem ela, o diário se resume a uma mera anotação solta em folha de papel, a uma caderneta ou rascunho.

Em geral, os diários são manuscritos, revelando o que de mais individual tem o escrevente: sua caligrafia; por vezes, o diarista, numa tentativa de controlar o tempo, coleciona vestígios, como bilhetes, flores e objetos, em geral, “arrancados à vida quotidiana e transformados em relíquias” (LEJEUNE, 2014, p. 301), bem como, ilustrações e desenhos. Tal qual uma obra de arte, o diário é um vestígio de exemplar único, pois mesmo a sua publicação posterior, editada, revisada, ampliada e modificada, não fará jus ao original.

Retornando no tempo e analisando a evolução histórica do diário, Lejeune (2014, p. 302) afirma que, no fim do século XVIII, “o diário se pôs a serviço da pessoa.” Como já visto em Foucault (1992) e Arfuch (2014), é com a consolidação do capitalismo e a ascensão da burguesia e, conseqüentemente, com a mudança das relações sociais, a crescente alfabetização e o deslocamento e a nova noção de público e privado, que o diário passa a ser visto como um registro da intimidade e da vida privada.

O autor delimita algumas utilidades, a partir de então, para a escrita de um diário, que serão acrescentadas, a seguir, pelas suas finalidades. Em primeiro lugar, *conservar a memória*: “é para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro” (LEJEUNE, 2014, p. 302). O diário é a constituição de uma memória, um caminho. Quem escreve um diário escreve-o para si mesmo, no porvir, efetuando marcações precisas no tempo, à espera de um interlocutor futuro, que, neste caso, é o próprio escrevente.

Depois, escrevemos um diário com a finalidade de *sobreviver*. O diário é uma insistência do homem em vista de um futuro desconhecido, na busca por imortalizar-se e estancar o tempo vivido. Como garrafa lançada ao mar (LEJEUNE, 2014, p. 303), a escrita do momento presente é a pequena contribuição do homem à memória coletiva. Na incerteza do porvir, o registro do agora é a tentativa de fixar-se no tempo e na existência.

Desabafar também é uma das finalidades do diário. “O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros” (LEJEUNE, 2014, p. 303). Tanto como espaço de refúgio quanto de acolhimento, o diário assume o papel de amigo confidente, servindo para que o escrevente deságue nele suas emoções, sentimentos e experiências.

Dentre as utilidades listadas por Lejeune (2014), *conhecer-se* também é uma delas. “O papel é um espelho.” (LEJEUNE, 2014, p. 303) Projetando nossa imagem no papel (nossos sentimentos, impressões e reflexões), tomamos certa distância de nós mesmos. O escrevente passa a ser, por alguns instantes, espectador de si mesmo, o que só se torna possível a partir do distanciamento. Muito embora essa imagem refletida no papel seja valiosa, servindo como uma radiografia do momento, ela é efêmera, já que as mudanças na forma de pensar, reagir e entender o mundo são naturais a todo ser humano.

A seguir o autor lista *deliberar*, também, como uma das utilidades do diário. Deliberar é, praticamente, um ato em continuidade ou resultante do *conhecer-se*. A partir das conclusões e geradas pelo processo de autorreflexão desencadeado pela escrita do diário, o escrevente pode tomar atitudes ou, ao contrário, hesitar. O fato é que, como consequência desse processo, o autor do diário pode planejar e deliberar em favor de si mesmo.

Pensar é outra utilidade do diário. O diário é um espaço livre para a criação. Sem regras rígidas a serem respeitadas, a escrita diarística torna-se um campo amplo de reflexão sobre o cotidiano e, por consequência, de registro desses pensamentos. Assim, “a forma do diário desloca a atenção para um processo de criação, torna o pensamento mais livre, mais aberto a suas contradições, e comunica ao leitor a dinâmica da reflexão tanto quanto seu resultado” (LEJEUNE, 2014, p. 305). Para o autor, o diário pode ser considerado um método de trabalho, sobretudo nas ciências humanas.

Outra utilidade descrita por Lejeune (2014) é *resistir*. Muitos diários são iniciados ou têm a duração de um período conturbado da vida de alguém. Para suportar uma prova a que se está sendo submetido, o foro íntimo passa ser um campo de defesa: o diário serve como um aliado ou um local de revigorar as forças. A escrita de um diário em momento difícil da vida torna-se, para seu autor, um lugar privilegiado de reflexão, de (re)construção de identidade e, sobretudo, de resistência. Resistência porque, ao narrar a sua dor, “as feridas secretas não precisam mais ser guardadas e negadas, passam a ser explicitadas e (re)organizadas no mundo que nos cerca. Em outras palavras, trata-se de um lugar de empoderamento” (SOUZA; BALASSIANO; OLIVEIRA; 2014, p. 13).

Quando o escrevente evoca as memórias dolorosas, silenciadas em sua maioria, a escrita passa a ser uma forma de enfrentamento e resis-

tência ao trauma. Ao lembrar e, corajosamente, expor, como no caso de uma publicação posterior, a intenção de muitos é “que não se repita com ninguém”. A escrita se torna, antes de uma vocação, uma necessidade de gritar ao mundo que apesar de tudo, ainda se está vivo. Nesse caso, são as histórias das grandes dores, como as do holocausto, das guerras, das privações de liberdade.

Por fim, Lejeune (2014) afirma que *escrever* é uma das utilidades do diário. “Mantém-se enfim um diário porque se gosta de escrever.” (LEJEUNE, 2014, p. 305) De fato, o diarista gosta de escrever. Seja para qualquer uma das utilidades listadas acima, a escrita do diário só se faz possível porque o diarista vê na escrita um prazer. Do contrário, fosse para qualquer finalidade, encontraria uma outra forma de manifestar ou expressar seus sentimentos. Por isso, o gosto pela escrita perpassa todo o campo de discussão acerca do porquê se inicia ou se mantém um diário.

Após descrever as utilidades do diário, Lejeune (2014) empreende uma discussão acerca de como terminam os diários. Um diário pode ser terminado de quatro maneiras: por interrupção, por destruição, por releitura e por publicação. Ao contrário do ritual de iniciação de um diário, quando o escrevente se ocupa de nomear, apresentar-se, realizar pactos e demais inscrições, o fim de um diário, na maioria das vezes, foge à observação e, às vezes, à reflexão do próprio diarista. Para melhor esclarecer a questão do fim de um diário, Lejeune (2014, p. 312) destaca três dimensões: “o fim como horizonte de expectativa (...), o fim do ponto de vista de sua relação com a finalidade (...) e o fim como realidade”.

No *fim como realidade*, elencam-se os diários que são iniciados próximo à morte. Muitas pessoas, sabendo da proximidade de seu fim, iniciam a escrita de um diário como uma tentativa de negar a própria finitude ou, também, como forma de resistir ou de suportar, tornando-se o diário um registro dos dias de provação. O diário é encerrado quando o escrevente perde as forças para prosseguir ou quando morre.

Já o *fim como horizonte de expectativa*, apesar de contraditório, livra o diário da ideia de fim. Mesmo que não se escreva mais, existe sempre a expectativa de um porvir, existe sempre a possibilidade do amanhã e, portanto, a oportunidade de um novo registro, de uma nova entrada, de um novo dia a ser escrito.

Segundo Lejeune (2014), existem quatro funções principais para se manter um diário por um certo período de tempo. Findada essa necessidade do escrevente, o diário poderá ser encerrado. O autor chama a a-

tenção para a possibilidade de um mesmo diário pode reunir mais de uma função simultaneamente. São elas: *expressão*, *reflexão*, *memória* e *prazer de escrever*. Na verdade, essas funções se confundem, em parte, com as utilidades já enumeradas anteriormente, mas representam, de maneira mais suscinta e, até didática, o pensamento do autor que, com o intuito de discorrer sobre o *fim do diário do ponto de vista de sua relação com a finalidade*, acaba por retomar essas funções de forma mais detalhada.

A função de *expressão* abarca duas outras: a do *desabafo* e a da *comunicação*. No desabafo, o papel recebe “o peso das emoções e dos pensamentos” (LEJEUNE, 2014, p. 319). Com intuito de descarregar os sentimentos que traz consigo, o diarista escreve, registra. Alguns têm o intuito de destruir futuramente aquele registro, como forma de purificar-se, expurgando o passado e se liberando para o porvir. Na comunicação, por sua vez, o papel (ou tela) é visto como um amigo, um confidente, para o qual o íntimo é confidenciado e, por isso, alguns diários recebem, inclusive, nomes, como, por exemplo: “Querida Kitty”, em referência à maneira como Anne Frank introduzia seus registros em “O diário de Anne Frank” (2019).

Quanto à função da *reflexão*, o autor também enxerga uma bifurcação. De um lado, *analisar-se*, de outro, *deliberar*. O diário, como já dito, proporciona ao escrevente a possibilidade de afastamento de si mesmo e das experiências vividas para que, com olhos de espectador, dê-se a análise sobre si próprio. Como efeito de conclusão, o escrevente é capaz de, tendo refletido sobre si, deliberar o porvir.

Já a função da *memória* está associada à fixação do tempo. Segundo o autor, “construir para si uma memória de papel, criar arquivos do vivido, acumular vestígios, conjurar o esquecimento”. (LEJEUNE, 2014, p. 320) Escrever um diário é como uma tentativa de fixar o tempo vivido, guardando – por vezes colecionando, inclusive, vestígios concretos, materiais, como bilhetes, flores secas, medalhas – lembranças que remetam ao diarista as sensações da experiência vivida que se evanesceu.

Por último, o *prazer de escrever*. O diarista escreve porque gosta, tem prazer neste ato, porque é interessante construir uma escrita em que ele possa reconhecer-se enquanto autor e protagonista. Muitas vezes, um diarista, aproveitando a pulsão pela escrita, aventura-se em terrenos diversos, sendo bem sucedido em outros gêneros, e este fato só se torna possível porque o gosto pela escrita antecede sua relação com o diário.

Sobre os diferentes tipos de suporte que o diário pode ter, Lejeune (2014) faz uma análise interessante. Contrapondo o contínuo, representado pelo caderno, e o descontínuo, pelas folhas avulsas (o suporte computador será abordado mais adiante em sua obra), o autor afirma que os diaristas que preferem a primeira forma, em geral, buscam a unidade, a continuidade, a fusão das irregularidades da escrita e da vida, como se o caderno representasse um “seguro de vida”, como uma “promessa mínima de unidade” (LEJEUNE, 2014, p. 338). Já o diarista da folha solta é visto sob a luz de Heráclito: “nunca nos banhamos duas vezes na mesma folha” (LEJEUNE, 2014, p. 339). Usando de ironia, o autor cita o filósofo para se remeter à impossibilidade de uma pretensa unidade. O caderno, em oposição à folha avulsa, obriga o diarista a obedecer, cartesianamente, o ritmo do cotidiano, do peso dos dias. Já a folha em branco, solta, avulsa, é a liberdade e a oportunidade do recomeço sem a obrigação de se preocupar com o texto já iniciado.

Quanto à tela, o computador também faz as vezes do amigo e confidente. Lejeune (2014, p. 370) chega a afirmar que o computador “é um organismo vivo que se acende e se apaga”, enquanto o caderno é “inerte, insípido, inanimado...” Logicamente, o autor desejava fazer uma comparação entre o caderno, constituído de papel, portanto, inerte, e a tecnologia, que toma proporções espetaculares a cada dia, como se o computador, pelas suas múltiplas funções e pretensa interação com o ser humano, guardasse semelhança às criaturas animadas.

Na obra de Lejeune (2014), são abordadas, como já dito, várias outras especificidades da escrita diarística. Seguem-se muitas discussões acerca desse gênero, essa forma tão particular de registro, de vestígio *no* e *do* tempo. O autor não nos poupa de detalhes, vieses e nuances. O diário, visto com certo preconceito e desconfiança, recebeu, em seu favor, a publicação de “O diário de Anne Frank” (2019) em 1947. Ao retratar, visceralmente, a resistência e a tentativa de se construir e reconstruir enquanto ser humano de uma adolescente vivendo sob condições extremas, “O diário de Anne Frank” (2019) tem grande importância na ruptura desse preconceito, mostrando o quão valiosa pode ser a escrita do íntimo que se torna público.

5. Considerações finais

Há cada vez mais estudos que se dedicam às escritas de si. A internet, o surgimento dos blogs e das redes sociais parecem ter aumentado

a quantidade de relatos autobiográficos. Não é o mesmo diário fixado em cadernos e acessível a um número limitado de pessoas.

Atualmente, o diário assumiu um caráter cada vez mais público. Mas, como afirma Lejeune (2014, p. 309), “é simplesmente humano” e, por isso, desperta tanto interesse.

Livre das amarras da estética, da forma, do suporte e, até mesmo, gramaticais, o diário se constitui na liberdade de poder registrar o mundo, o tempo e a si mesmo com a maior liberdade possível. Nada importa mais do que o olhar que se volta para si mesmo. Seja para se constituir, reconstituir ou resistir, seja pelo simples prazer da escrita, ou seja, para refletir sobre o porvir, o diário é, simplesmente, humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço autobiográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. 3. ed. Lisboa: Passagens, 1992.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. São Paulo: Pé da Letra, 2019.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

SOUZA, Elizeu; BALASIANO, Ana Luiza; OLIVEIRA, Anne-Marie (Orgs). *Escrita de si, resistência e empoderamento*. Curitiba: CRV, 2014.

VELASCO, Tiago Monteiro. *Escritas de si contemporâneas: uma discussão conceitual*. *Abralic*, Universidade Federal do Pará, jun-jul. 2015.